

José Leon Machado

Os Aduladores da Gravata



CRÓNICAS

Edições Vercial

Os Incompatíveis

José Leon Machado

Contos

Prémio Edmundo Bettencourt 2001

Edições Vercial

As botas de cano alto

Ao Pina puseram-lhe a hipótese de ser colocado numa cidade do interior ou ir para Ponta Delgada. Vários amigos e conhecidos lhe tinham dito maravilhas dos Açores. Também lá trabalharam e confessaram terem passado aí uns bons momentos. O Pina entusiasmou-se e, em vez de aceitar a colocação como juiz em Macedo de Cavaleiros, decidiu-se por Ponta Delgada. Pouco o prendia ao Porto. Tinha-se divorciado recentemente, a custódia dos filhos fora entregue à ex-mulher. Nada como uma boa porção de água a separar o passado de um presente que desejava despreocupado.

Pensou que São Miguel seria um lugar calmo, a criminalidade não indo muito além de rixas domésticas ou disputas entre pescadores e criadores de vacas. Apanhou o avião em Lisboa, ao chegar a Ponta Delgada apresentou-se no tribunal como novo juiz de direito e foi arranjar casa. Não havia muito à escolha e acabou por fazer negócio com o representante de uns emigrantes na América que lhe alugou um apartamento com vista para o cais.

Todas as manhãs acordava com o grito das gaiotas e a barulheira dos guindastes que içavam os vagões dos navios de carga.

Começou a relacionar-se com outro juiz, um advogado, o chefe da polícia e alguns médicos do hospital, todos do continente. Não que gostasse muito do grupo. Parecia-lhe gente demasiado triste,

contrariada por estar nas ilhas, ansiando os cafés e a agitação de Lisboa. Ali, diziam, nada acontece. Reuniam-se no clube do hotel a jogar o *king* e saíam de lá estafados com o uísque e o fumo do tabaco. O Pina ia porque não tinha encontrado ainda outro sítio para matar as horas livres.

Comprou entretanto um carro usado e acabou por aos fins de semana correr a ilha. De início, convidara o colega do tribunal, que o acompanhou duas ou três vezes. Mas como não estava, dizia o colega, para passar os fins de semana a ver prados e vacas a pastar, começou a protelar os convites do Pina.

Este sentia uma grande paz a percorrer as estradas de curvas e manchadas de bosta com criptomérias à volta, hortênsias, campos de pasto. Parava num miradouro frente ao mar ou junto a uma das caldeiras vulcânicas, sentava-se num banco se o havia e ali ficava a ler ou simplesmente a olhar os cambiantes de cor do verde e do azul entre a terra, o mar e o céu.

Num dos seus passeios até às Furnas, decidiu almoçar no *Terra Nostra*. Era Fevereiro e havia pouca gente no hotel. Na sala de jantar serviam um casal de idosos com aspecto estrangeiro – ingleses, talvez, pelas sardas nas mãos e no pescoço e pelo modo frio com que tratavam o *garçon* –, e um casal de continentais ainda novos. O indivíduo, de trinta anos, talvez menos, tinha aspecto de militar, cabelo muito rapado, bigode e uma insígnia dos Comandos na lapela da casaca que não despira. Devia certamente achar-se muito macho com a insígnia ao

peito. A mulher, da mesma idade, ou um pouco mais velha, tentava animá-lo com carícias nas mãos e palavras que o juiz não conseguia ouvir por serem quase sussurradas. Embora não fosse uma beldade de estontear um homem, era elegante e tinha um aspecto simpático. O militar não lhe dava grande atenção e olhava para todos os lados como se lhe faltasse qualquer coisa ali. A televisão, pensou o Pina. Fora da messe do quartel, o militar sentia-se pouco à vontade.

O Pina deixou de lhes prestar atenção quando o *garçon* trouxe o cherne grelhado que pedira. Viu-os sair bastante antes de ele ter terminado a sobremesa. Depois do café, decidiu dar um passeio pelo parque, que achara muito bonito nas suas variadas espécies vegetais. Distraíra-se a ler o nome em latim das diferentes árvores e arbustos que a direcção do parque colocou em cada espécie.

Ao contornar a piscina de água quente e ferrugenta onde algumas senhoras se banhavam para tratar alguma maleita, viu o casal de continentais a dirigir-se para a saída. Ele ia com as mãos atrás das costas, muito ao género militar, e ela com os olhos no chão, desviados um metro um do outro, com o aspecto evidente de se terem desentendido.

O Pina terminou a visita ao parque e voltou ao carro estacionado em frente do hotel. Ao abrir a porta, notou a presença da mulher sentada dentro do carro que se encontrava ao lado. Olhou a toda a volta e não havia sinal do militar. Teria ido à casa-de-banho? Ela, ao ouvir o barulho da porta a bater,

voltou a cabeça. O Pina fez-lhe um breve aceno em sinal de cumprimento a que ela correspondeu com um débil sorriso, e arrancou.

Em finais de Março, chegou à secretária do Pina um processo de divórcio litigioso. Era o caso de um cabo da GNR que fora apanhado pela esposa em flagrante adultério com a empregada da limpeza. A mulher exigiu o divórcio e o marido entendeu que não era caso para tanto. Ela saiu de casa, arranjou um advogado e entregou o caso à justiça. Ele, por seu turno, tentou levá-la à força para casa e chegou mesmo, de acordo com algumas testemunhas, a maltratá-la fisicamente. Tinha o Pina de resolver a situação pelos meios legais se não houvesse acordo entre os cônjuges.

Também ele tinha passado por aquilo. É verdade que a mulher não o apanhara com outra e ele não a violentou. O divórcio deveu-se mais ao desgaste a que todas as coisas estão sujeitas. E o seu casamento tinha acabado, por mais que a esposa não o quisesse admitir por receio de perder o marido e o pai dos filhos. Foi doloroso para ele sair de casa e separar-se dos miúdos. Mas entendeu que essa dor era bastante inferior àquele que era causada pela sua presença e que originava contínuas discussões entre si e a esposa.

Na primeira audiência, compareceu o cabo da GNR, a mulher traída e o advogado, que era de ambos. Quando o Pina olhou para o casal desavindo a entrar na sala, reconheceu-o de imediato. Era o militar do bigode e a rapariga que vira no *Terra Nostra*. Ficou satisfeito por quase ter

acertado na ocupação do tipo. A rapariga pareceu-lhe mais bonita. – Seria por ter ido ao cabeleireiro? – Sentaram-se todos, o Pina fez algumas perguntas e o advogado apresentou os pontos de vista de um e de outro.

O cabo não queria o divórcio porque, dizia, gostava da esposa e aquilo da empregada fora apenas uma tentação de momento que ele não conseguiu evitar. Confessou que as açorianas, por mais que um homem se recusasse, eram mulheres persistentes e conseguiam dar a volta a qualquer um. Que estava muito arrependido do que fizera e queria a esposa de volta. O juiz disse-lhe em tom irónico que, se as açorianas eram assim, dificilmente se livraria de voltar a encontrar-se numa situação semelhante. Acabou por concluir que ele, como representante da justiça, não tinha o direito de duvidar das suas boas intenções, mas só a esposa lhe poderia perdoar a escorregadela e decidir se deveria ou não voltar para casa. Como juiz, apenas ratificaria a decisão da esposa, uma vez que era ela em todo o processo a prejudicada. O cabo quis contestar, dizendo que ele também estava a ser prejudicado, porque era constantemente posto a ridículo pelos colegas e porque não tinha ninguém que lhe tratasse das coisas. A esposa disse entre dentes que metesse em casa a empregada. O advogado interrompeu-os, porque estava a ver os clientes a irem longe demais.

O juiz acabou por decretar um período de reflexão para o casal, findo o qual regressariam ao tribunal para uma decisão que implicaria ou não o

divórcio. Se naquele período chegassem a um entendimento, o advogado poderia requerer a suspensão do processo. Recomendou que o cabo da GNR evitasse os excessos de que fora acusado no processo.

– Uma mulher não se conquista pela violência – acrescentou. – Se quiser a sua esposa de volta, ofereça-lhe flores.

Quando saíram, o Pina riu-se da sua própria idiotice. Não estava a ver um cabo da GNR a oferecer flores à esposa. O mais provável era, daí a meia hora, ir para o bar da brigada contar aos colegas, no intervalo de duas cervejas, o que o juiz lhe aconselhara a fazer. «Se lhe desses um par de estalos», recomendaria um deles, «tinha-la em casa em dois tempos. E sem tugar nem mugir».

O caso parecia-lhe simples: ambos do continente, ele GNR e ela professora, conheceram-se numa discoteca ou num bar qualquer e iniciaram um namoro de muita cama e pouca conversa. O isolamento ilhéu propiciava isso, como lhe disse uma vez um pescador de Rabo de Peixe que se apresentara a tribunal por quase ter desfeito a mulher e um vizinho à pancada com um remo do barco por ter apanhado os dois na cama. O cabo e a professora decidiram casar, ela porque o teria achado *sexy*, ele porque a teria achado bonita e com um bom emprego, sem que previamente avaliassem as diferenças de carácter e de cultura. Ele, de espírito naturalmente poligâmico como compete a um verdadeiro macho, não demorou muito a dar as primeiras facadas no matrimónio. Ela, emancipada

e sem vocação para esposa obediente e passiva, não lhe permitia isso e mandou-o dar uma volta. Quem a poderia censurar? O Pina já sabia o desfecho e o período de reflexão que lhes impusera foi porque a lei assim o sugeria. Fosse ela uma costureira ou uma empregada de balcão e o período de reflexão daria os seus frutos e estaria a utilidade da lei salvaguardada.

Não demorou muito que os dois cônjuges se apresentassem de novo em tribunal, agora na companhia de dois advogados. O cabo da GNR entendeu que o outro estava a defender os interesses da mulher e não os dele. Por sugestão dos colegas da brigada, contratou um só para si. Além disso, desde que chegara a vias de facto com ela, era praticamente impossível ter o mesmo advogado. Quando o juiz lhe perguntou por que motivo se dirigiu a ela, a esbofeteou e pontapeou a ponto de ter de ser socorrida nas urgências do hospital, o cabo, apontando o peito para fora e a barriga para dentro, exclamou:

– Eu quis resolver a coisa a bem. Fui ter com ela decidido a pedir-lhe perdão e resolvido a levá-la comigo para refazermos a nossa vida. Fui encontrá-la em casa da amiga a dormir com outro. Ela começou a armar-se em esperta, a dizer que as coisas entre nós estavam acabadas, a dizer que eu era um parvalhão, a insultar-me... Eu passei-me. Ó sr. doutor juiz, um homem não é de pau, e nestas circunstâncias eu acredito que o sr. doutor também se passava.

– Veja lá como fala comigo! Não fui seu camarada de caserna.

– Desculpe-me. Não queria ofender o sr. doutor juiz. Foi só uma maneira de falar.

– Responda-me a uma pergunta: Foi necessário continuar a pontapear a sua esposa já depois de ela ter caído ao chão e ter perdido os sentidos?

– Eu não sabia que ela estava assim tão mal. Além disso, eu não lhe bati tanto como ela e as testemunhas afirmam. Dei-lhe uns sopapos, como quem enxota as moscas.

– Então explique-me como foi ela parar ao hospital e porque é que, de acordo com as fotos que aqui tenho, evidenciava negruras na cara e noutras partes do corpo.

– Decerto foi por ter caído. Tropeçou e caiu. Ou então foram os excessos sexuais com o amante.

O juiz não gostou das insinuações do cabo quanto ao comportamento da esposa, uma vez que não tinha provas e pareciam mais uma desculpa para o seu acto cobarde, e explicou-lhe que não estava ali para o julgar como arguido num crime de violência doméstica, que desse crime seria julgado mais tarde, mas para tomar uma decisão quanto ao divórcio. E esse parecia irremediável face aos últimos acontecimentos. Caso violentasse de novo a esposa por palavras ou actos, mandá-lo-ia prender. Terminou dizendo que era uma vergonha pública que um agente da segurança, que deveria ser um exemplo para a sociedade que tinha a

missão de proteger, tivesse comportamentos como aquele.

O divórcio acabou por ser concretizado e o Pina esqueceu-o como era da ordem natural das coisas, pois casos semelhantes apareciam-lhe a cada passo e não podia, fora das horas de serviço, andar a preocupar-se com os problemas dos outros, por mais graves que eles fossem.

Daí a algumas semanas, decidiu ir almoçar à Ribeira Grande. Não simpatizava muito com a cidade, mas era uma forma de mudar de ares. Estacionou o carro perto do mar e, para fazer horas, foi sentar-se num muro de pedra negra a ver as ondas a bater nas rochas vulcânicas. Sempre que ali vinha, sentia frio e uma sensação desagradável no estômago, como se estivesse no limiar da morte. Chegava a pensar se isso se devia ao negrume do lugar e ao rebentamento das ondas, ali mais violento do que noutros locais da ilha. Pelo menos assim lhe parecia. Recolheu um pedaço de basalto ou o que quer que fosse de cor negra e levou-o consigo para o restaurante que não ficava longe dali. «Far-me-á companhia ao almoço», pensou. Mandou vir carne de porco e foi mudamente conversando com a pedra que mudamente lhe respondia.

Pagou a conta e decidiu ir tomar o café a uma esplanada no centro da cidade, perto de uma igreja barroca. Ali o rebentamento das ondas praticamente não se ouvia. Estava uma tarde de sol que contrastava com o branco e o cinzento das casas, quase todas elas, segundo lera num folheto

turístico ou alguém lhe explicara, anteriores ao século XVIII.

Tinha já tomado o café e estava naquela fase em que o espírito lhe dizia para se levantar e o corpo se amodorrava prolongando o prazer da cadeira e do sol, quando se sentaram na mesa ao lado das raparigas. Tiraram os óculos do sol e uma delas olhou-o com algum interesse. O Pina reconheceu-a. Era a ex-mulher do cabo da GNR. Ele convidou-as para a sua mesa e estiveram a tarde a conversar.

Desde esse dia, passaram a ver-se com frequência, não porque ele fizesse grande coisa para que isso acontecesse. Tinha certa atracção pela rapariga. Mas havia aquela coisa da deontologia. Afinal fora ele que lhe tratara do divórcio e não lhe parecia judicialmente muito ortodoxo ter uma relação com ela que fosse para além da amizade. Mas por mais que a razão queira impor os seus ditames, não consegue vencer a natureza que empurra os seres para uma outra dimensão. E o Pina acabou por, passando a fase dos encontros nos cafés de Ponta Delgada e os passeios à volta da ilha, ir parar à cama da Virgínia.

Os colegas no tribunal censuraram-lhe de início a leviandade. Que podia ter problemas com o ex-marido se ele se lembrasse de o acusar de oportunismo. O Pina chegou a falar nisso à Virgínia e ela disse-lhe para não se preocupar. Primeiro porque a comissão do GNR nos Açores terminava em breve e teria de partir para o continente; segundo porque andava, tanto quanto

sabia, entusiasmado com uma açoriana que trabalhava na fábrica de chicória.

O conhecimento que o Pina tinha da vida da rapariga não era mais do que os dados apensos ao processo de divórcio. A Virgínia entretanto contou-lhe que era professora de História numa das escolas da cidade e que tinha sido ali colocada há três anos. Era de Salvaterra de Magos, frequentara a universidade do Porto e fora parar aos Açores pela dificuldade de colocação em escolas do continente. Como gostou da ilha e das pessoas, embora tivesse a possibilidade de concorrer para o continente, decidiu ficar. Conheceu o ex-marido, casaram e o resto já o Pina sabia.

Ele perguntou-lhe se se apaixonara pelo ex-marido. A Virgínia disse-lhe que sim, que andara louca por ele e foi por isso que aceitou casar. O amor é cego e ela só lhe vira o lado físico. Confessou-lhe que se excitava quando o via fardado, com as botas de cano alto.

– Então terei de comprar umas – comentou o Pina com um sorriso.

– Que tolo! – exclamou ela. – Para me excitares, basta olhares-me com esses olhinhos matreiros.

E deu-lhe um beijo.

Ela conhecia muito bem a ilha e levava-o a lugares pouco conhecidos dos roteiros turísticos. Frequentavam praias desertas e faziam amor na areia escura que se lhes apegava ao corpo e que depois lavavam nas ondas; tomavam banho nus em nascentes de água quente; deixavam o carro à face

da estrada e faziam caminhadas a pé entre caminhos de terra batida que os levava a um miradouro natural sobre o mar, a uma floresta de criptomérias e incenseiros ou a uma lagoa.

Um dia, ela pediu um barco emprestado a um colega que era professor na escola onde trabalhava e levou o Pina num piquenique marítimo. Ele ficou espantado com a perícia dela em pilotar o barco.

– Não tem nada que saber – explicou a Virgínia.

Era um barco com um motor à ré e só tinha de se ir virando o leme na direcção desejada aumentando ou diminuindo a pressão no acelerador manual conforme a velocidade que se desejava. Ele próprio experimentou e viu que era fácil. Pararam a uma milha da costa, numa zona de pouca ondulação, e o Pina comentou:

– Podia ter arranjado uma cana e tentava pescar qualquer coisa.

– Esqueceste-te da cana? Então não sei como me vais pescar a mim... – acrescentou ela.

O mar estava calmo, o céu azul. A Virgínia trazia vestidos um *top* e uns calções que deixavam ver as coxas arredondadas como um mastro ao contrário. Tirou tudo e ficou com o biquíni, os peitos graúdos no sutiã minúsculo.

– Não te despes? – perguntou estendendo uma toalha no fundo do barco para se deitar ao sol.

O Pina, embora soubesse que sairia dali com uma insolação, tirou a roupa e ficou em fato-de-banho, os pêlos do peito agitados pela brisa. Deitou-se a seu lado, mas a Virgínia puxou-o para

si. Uma hora depois, ela dava um mergulho sem nada que a cobrisse.

– Vem – chamou. – A água está ótima.

– E quem toma conta do barco? Imagina que a maré o leva para longe? Teríamos de ir a nadar até à costa.

– És um medroso – exclamou ela dando umas quantas braçadas à volta do barco.

O Pina estava apreensivo, pois podia aparecer um tubarão ou até, sabe-se lá, uma baleia.

– Vê-se mesmo que não percebes nada das coisas do mar dos Açores – atirou-lhe ela mergulhando em seguida como os golfinhos, mostrando no arco as nádegas em forma de coração virado ao contrário que desapareceram na espuma.

A Virgínia subiu para o barco depois de mais uns quantos mergulhos e braçadas, pôs-se a secar deitada na toalha e o Pina aproveitou para a observar. Ela fechara os olhos por causa do sol e ele percorria-lhe o corpo molhado com a mão a alguns centímetros de distância, como um mago a percorrer o corpo de um doente. Sobrevoou-lhe o cabelo húmido, as pestanas, o nariz, os lábios, o queixo, rodeou-lhe o pescoço, os mamilos sem tocar, desceu ao umbigo, passou-lhe rente ao monte de Vénus de cabelo arruivado e desceu às coxas até aos pés. Voltou acima, ela abriu os olhos e aproximaram os lábios num beijo salgado.

(...)

Para continuar a ler esta obra, contacte as Edições Vercial.

© Edições Vercial, 2012

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>
